

As orações coordenadas parentéticas flutuantes como uma instância de adjunção¹

Gabriela Matos & Madalena Colaço

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Abstract

Parenthetical coordinate sentences have a different behavior in what concerns their relationship with the host: they may be anchored into a constituent or float within the host sentence. Appositive coordinate sentences have been treated in previous work as anchored adjuncts (Matos, 2009). In this article, we will extend this approach to floating parenthetical coordinate sentences. We claim that they are basically inserted, by *External Merge*, as left adjuncts of the verbal and sentence functional positions of the host sentence.

Keywords: anchored sentence coordinate parentheticals, floating sentence coordinate parentheticals, adjunction, coordination, host.

Palavras-chave: orações coordenadas parentéticas fixas, frases coordenadas parentéticas flutuantes, adjunção, coordenação, hospedeiro.

1. Introdução

A designação de *construção parentética* abrange uma série de construções em que ocorrem expressões que têm em comum o facto de, apesar de estarem linearmente presentes num enunciado e, em termos de conteúdo, com ele directa ou indirectamente relacionadas, aparentarem ser estrutural e, em muitos casos, prosodicamente independentes. Entre essas construções, encontram-se casos em que as expressões parentéticas são introduzidas por conjunções coordenativas: trata-se das chamadas *construções coordenadas parentéticas*, ilustradas em (1) - (3) (dados extraídos de CETEMPúblico).

¹ Este trabalho foi realizado no âmbito do projecto PTDC/LIN/660202/2006, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Agradecemos aos revisores de uma versão prévia deste trabalho pelos seus comentários e pelas questões colocadas, que permitiram uma maior clarificação de alguns aspectos referidos.

- (1) Pelo que eu pude ver – *e o Pedro Azeredo é da mesma opinião* – o Maxi deverá ser mais rápido e mais eficaz.
- (2) Afável e sempre bem vestido, *ou não fosse ele italiano*, Picco, 43 anos, não ingere bebidas alcoólicas, nem fuma.
- (3) Talvez ela lhe recordasse – *mas é só conjectura* – as irmãs que deixara num convento de França.

O objectivo deste trabalho é o de fornecer algumas pistas para a análise destas construções, tentando responder em especial às seguintes questões:

- (i) A unidade linguística que introduz este tipo de expressões parentéticas é uma verdadeira conjunção coordenativa?
- (ii) Que tipo(s) de articulação sintáctica se estabelece(m) entre a expressão coordenada parentética e a frase hospedeira?

Antes de nos debruçarmos sobre as questões referidas, torna-se, porém, necessário evidenciar a especificidade das orações parentéticas introduzidas por coordenadores relativamente à coordenação regular.

2. As parentéticas como expressões não plenamente integradas no seu hospedeiro

2.1. Propriedades gerais das orações parentéticas

A designação *parentética* aplica-se a construções que apresentam as seguintes propriedades:

- (i) sintacticamente, produzem uma ruptura na estrutura da expressão hospedeira;
- (ii) prosodicamente, apresentam pausas que as delimitam e uma prosódia específica, com variação de frequência fundamental;
- (iii) semanticamente, exibem autonomia de conteúdo, apesar de estabelecerem um elo de significado com a expressão hospedeira;
- (iv) pragmaticamente, têm uma função comunicativa marcada: exprimem comentários do locutor, fornecem uma informação adicional ou visam estabelecer contacto entre os interlocutores.

As parentéticas podem ter uma natureza oracional, (4), ou não-oracional, (5). Neste último caso, podem ter diferentes naturezas categoriais:

- (4) a. Os Madredeus (*leia-se Pedro, Carlos, Mariana e Rita*) não estão sozinhos nesta aventura. (*Expresso* nº1877, 18/10/2008, *Actual*: 9).

- b. O primeiro eleito foi, *como se esperava*, do PS. (*Público*, 21/10/2008: 5)
- (5) a. Entre as quatro paredes de pedra do Teatro Ibérico, *antiga igreja do Convento de Xabregas*, escreveu-se a “bold” parte da história da música contemporânea portuguesa. (*Expresso* nº1877, 18/10/2008, *Actual*: 9).
- b. As medidas mais positivas, *na perspectiva da UGT*, estão ligadas ao apoio às famílias (...) (*Sol*, 18/10/2008; *Confidencial*: 9)
- c. Aqui neste hotel, efectivamente, gosto de trabalhar.

Estas características gerais das parentéticas, que apontam para uma não integração plena na expressão hospedeira, estão igualmente presentes nas coordenadas parentéticas. Nas secções seguintes centrar-nos-emos nas propriedades sintácticas que estas construções manifestam.

Do ponto de vista da sua distribuição e do seu grau de mobilidade no interior da expressão hospedeira, existem dois tipos fundamentais de construções parentéticas: as *fixas* e as *flutuantes* (cf., por exemplo, Kavalova, 2007). As orações introduzidas por conjunções coordenativas correspondentes a estes dois tipos de parentéticas estão ilustradas, respectivamente, em (6) e em (7)-(8):

- (6) a. O partido que ganhou (*e ganhou bem*) não atinge 50 por cento dos votos. (*Público*, 21/10/2008: 5)
- b. *O partido que ganhou não atinge (*e ganhou bem*) 50 por cento dos votos.

Nos exemplos acima, a oração coordenada parentética está semanticamente associada a um constituinte da frase hospedeira, não podendo ocorrer intercalada senão em adjacência a esse constituinte (*ganhou*).

- (7) a. Esta realidade, *e quem dera que fosse ficção!*, mostra que a negociação resultou num falhanço.
- b. Esta realidade mostra, *e quem dera que fosse ficção!*, que a negociação resultou num falhanço.
- c. Esta realidade mostra que, *e quem dera que fosse ficção!*, a negociação resultou num falhanço.
- d. Esta realidade mostra que a negociação, *e quem dera que fosse ficção!*, resultou num falhanço.
- e. Esta realidade mostra que a negociação resultou, *e quem dera que fosse ficção!*, num falhanço.
- (8) a. Pelo que eu pude ver – *e o Pedro Azeredo é da mesma opinião* – o Maxi deverá ser mais rápido e mais eficaz .

- b. Pelo que pude ver, o Maxi – *e o Pedro Azeredo é da mesma opinião* – deverá ser mais rápido e mais eficaz.
- c. Pelo que pude ver, o Maxi deverá – *e o Pedro Azeredo é da mesma opinião* – ser mais rápido e mais eficaz.
- d. Pelo que pude ver, o Maxi deverá ser – *e o Pedro Azeredo é da mesma opinião* – mais rápido e mais eficaz.
- e. Pelo que pude ver, o Maxi deverá ser mais rápido – *e o Pedro Azeredo é da mesma opinião* – e mais eficaz.

Diferentemente do que acontece em (6), em (7) e (8) o constituinte parentético pode ocorrer em diferentes posições na frase hospedeira. Note-se que, tendo em conta a definição de construção parentética que apresentámos atrás, de acordo com a qual a inserção da parentética provoca uma ruptura na estrutura sintáctica da frase hospedeira, não consideraremos, no caso das parentéticas flutuantes, a posição inicial e a posição final da expressão em causa, uma vez que assumimos que a parentética coordenada tem sempre uma natureza interpolada.

2.2. A orações parentéticas iniciadas por Conj e a exclusão da expressão correlacionada da estrutura coordenada

Nas construções com coordenação parentética oracional, o constituinte com o qual a parentética está relacionada do ponto de vista do sentido não está incluído na estrutura coordenada, tanto nos casos de coordenação parentética fixa, como nos de flutuante.

Esta afirmação parece ser posta em causa no caso da coordenação parentética fixa, pelo facto de a oração parentética formar um constituinte com a expressão relacionada precedente, como se vê em construções de clivagem, (9)-(10).

- (9) a. *É* o partido que ganhou (e ganhou bem) *que* não atinge 50 por cento dos votos.
- b. **É* o partido que ganhou *que* (e ganhou bem) não atinge 50 por cento dos votos.
- (10) a. O partido que ganhou (e ganhou bem) *é que* não atinge 50 por cento dos votos.
- b. **O* partido que ganhou *é que* (e ganhou bem) não atinge 50 por cento dos votos.

Porém, nestes casos, fenómenos de concordância mostram que o constituinte que alberga a expressão parentética não funciona como primeiro termo da coordenação, (11)-(12):

- (11) A decisão do Tribunal da Relação -- *e agora a sua publicação* -- acontece depois de o Ministério Público ter recorrido da sentença proferida pelo tribunal de primeira instância. (CETEMPúblico)
- (12) Entretanto, eu – *e os milhares de pessoas que o leram no PÚBLICO (da passada segunda-feira)* – vou-me contentando com as suas Cartas de Inglaterra. (CETEMPúblico)

Com efeito, na coordenação copulativa padrão, quando os termos coordenados são categorias nominais com valor referencial distinto, os valores dos traços- Φ associados à projecção ConjP resultam de uma combinação dos valores dos traços- Φ dos termos coordenados. Desta combinação, poderá resultar ou a criação de um novo valor (como acontece relativamente ao valor do traço de número, em (13) e (14)) ou à prevalência de um valor sobre o outro (como no traço de pessoa em (14), em que o valor de 1ª pessoa prevalece sobre o de 3ª pessoa):

- (13) a. O Pedro e a Maria foram ao jardim.
b. *O Pedro e a Maria foi ao jardim.
- (14) a. Eu e ele fomos ao jardim.
b. *Eu e ele foram ao jardim.

No entanto, em construções com coordenação parentética fixa, a concordância verbal estabelece-se apenas com o constituinte nominal que precede a expressão parentética, como se viu em (11) e (12).

Na coordenação parentética flutuante, a utilização de estruturas de clivagem mostra que as parentéticas podem não formar um constituinte com a expressão que as precede:

- (15) a. É esta realidade, *e quem dera que fosse ficção!*, que mostra que a negociação resultou num falhanço.
b. ?É esta realidade que, *e quem dera que fosse ficção!*, mostra que a negociação resultou num falhanço.
- (16) a. Esta realidade, *e quem dera que fosse ficção!*, é que mostra que a negociação resultou num falhanço.
b. ?Esta realidade é que, *e quem dera que fosse ficção!*, mostra que a negociação resultou num falhanço.

De facto, nas construções com orações parentéticas, o constituinte nocionalmente associado à parentética é frequentemente toda a oração hospedeira, (17):

- (17) a. A Câmara do Porto – *e o Público reconheceu-o* – debateu-se com dificuldades financeiras relacionadas com uma quebra de receitas.

b. A Câmara do Porto debateu-se – *e o Público reconheceu-o* – com dificuldades financeiras relacionadas com uma quebra de receitas.

Como podemos observar nos dados de cima, a expressão parentética *e o Público reconheceu-o* está ligada sintacticamente a diversas expressões da frase hospedeira, mas a interpretação, a nível do conteúdo proposicional, é a mesma: o constituinte que segue a conjunção está semanticamente associado a toda a frase hospedeira, sendo esta, inclusivamente, retomada pelo clítico invariável complemento de *reconhecer*.

Assim, é difícil admitir que a estrutura coordenada parentética inclui, como termo coordenado, a expressão que a precede ou a oração em que está hospedada.

Tanto as orações coordenadas parentéticas fixas como as flutuantes não podem ocorrer em construções de coordenação correlativa, associadas à expressão que as precede, ainda que as conjunções correlativas possam exibir o mesmo valor da conjunção que as introduz (e.g., valor aditivo). Este facto reforça a ideia de que a parentética não forma um constituinte com a expressão que a precede:

(18) a. O documento aprovado ontem – *e que será debatido por mais de mil delegados* – define ainda seis questões prioritárias.

b.* [Não só o documento aprovado ontem – mas também que será debatido por mais de mil delegados –] define ainda seis questões prioritárias.

(19) a. Esta realidade, e quem dera que fosse ficção!, mostra que a negociação resultou num falhanço.

b. *[Tanto esta realidade, como quem dera que fosse ficção!,] mostra que a negociação resultou num falhanço.

(20) a. A Câmara do Porto – e o Público reconheceu-o – debateu-se com dificuldades financeiras relacionadas com uma quebra de receitas.

b. *[Não só a Câmara do Porto – mas também o Público o reconheceu –] debateu-se com dificuldades financeiras relacionadas com uma quebra de receitas.

Concluimos, pois, que o constituinte semanticamente relacionado com a expressão parentética não está incluído na estrutura coordenada que engloba a parentética.

3. As orações parentéticas iniciadas por conjunção como um caso de coordenação

O que foi dito na secção anterior leva-nos então a considerar que, nas estruturas de coordenação parentética, o primeiro termo coordenado não é um constituinte da frase

hospedeira. As especificidades manifestadas por estas construções suscitam assim a seguinte questão: Serão as orações parentéticas iniciadas por conjunção um caso particular de coordenação ou tratar-se-á de um processo paratático distinto de formação de frases complexas?

Há alguns argumentos empíricos que mostram que o conector que introduz as expressões parentéticas tem o estatuto de uma conjunção coordenativa. Vejamos:

Alguns autores notaram que esse conector mantém o valor semântico das conjunções coordenativas (ex. Blakemore, 2005) – *adição, disjunção, contraste* –, ocorrendo nos contextos adequados à expressão desses valores, como está ilustrado em seguida:

- (21) O documento aprovado ontem – *e/*ou/mas que será discutido hoje* – clarifica as questões.
- (22) Torcato Sepúlveda, que, pelos vistos, se orgulha de ter nascido em Braga (**e/ou/*mas, pelo menos, escreve-o*) está muito mal enquadrado com as suas origens.
- (23) Isto tornou-se claro quando os revoltosos (*e/*ou/mas não eram os capitães os verdadeiros insurrectos?*) foram libertados.

Por outro lado, esses conectores estão excluídos de parentéticas que não podem assumir a forma de coordenações:

- (24) Ele devia – (**e*) *penso eu* – visitar a família mais frequentemente.
- (25) Podemos perguntar-lhes, (**ou*) *não é?*, se vão participar no workshop.

Finalmente, note-se que o carácter parentético de um constituinte não é suficiente para definir a sua natureza como uma instância de coordenação ou de subordinação. Na verdade, a par de orações coordenadas parentéticas, existem igualmente orações subordinadas parentéticas:

- (26) Esse médico, *que é uma sumidade*, conhece cura para essa doença.
- (27) Esse médico, *se não me engano*, é uma sumidade na matéria.

Estes factos levam-nos, pois, a concluir que as construções parentéticas iniciadas por conjunção coordenativa são efectivamente casos de coordenação, embora sem o primeiro termo realizado.

4. A articulação sintáctica das orações coordenadas parentéticas com o seu hospedeiro

Uma das questões que centralmente se coloca relativamente à coordenação parentética é a que inicialmente explicitámos em (ii) e que aqui repetimos: Que tipo(s)

de articulação sintáctica se estabelece entre as orações coordenadas parentéticas e a frase hospedeira?

Na literatura, várias propostas foram apresentadas para dar conta das expressões parentéticas em geral. No caso particular das orações coordenadas parentéticas, duas hipóteses se destacam: a hipótese de ausência de integração sintáctica da oração parentética na expressão que a alberga (que discutiremos em 4.1.) e a hipótese de adjunção da parentética a um constituinte da expressão hospedeira (que discutiremos em 4.2.).

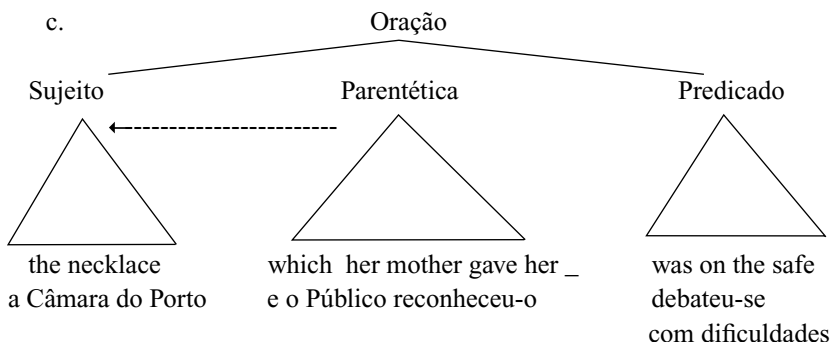
4.1. Ausência de integração sintáctica da parentética no hospedeiro

Huddleston *et al.* (2002) assumem que as parentéticas em geral, incluindo as coordenadas, apenas estão nocionalmente associadas às expressões com as quais linearmente ocorrem. De acordo com estes autores, frases como as de (28.a e b) teriam, em sintaxe, a representação que apresentamos em (28.c):

(28) a. The necklace, which her mother gave her, was on the safe. (Huddleston *et al.*, 2002:1354)

b. A Câmara do Porto – e o Público reconheceu-o – debateu-se com dificuldades.

c.



A defesa de uma radical não-integração sintáctica da parentética no hospedeiro esteve presente em propostas sugeridas por outros autores. Por exemplo, Safir (1986) e Haegeman (1988; 2003), baseando-se, respectivamente, nas relativas apositivas e nas condicionais parentéticas, admitem, no âmbito da Teoria de Princípios e Parâmetros, que é apenas num nível pragmático, posterior a Forma Lógica, que estas parentéticas são associadas ao seu hospedeiro e interpretadas.

Esta análise enfrenta, no entanto, alguns problemas.

Em primeiro lugar, nas parentéticas fixas como, por exemplo, as relativas apositivas, não capta o facto de a parentética formar um constituinte sintáctico com a expressão em

que está ancorada. Esta propriedade torna-se evidente em construções como a Elevação do Sujeito (29b) (Brito, 1991) e em frases clivadas (29c):

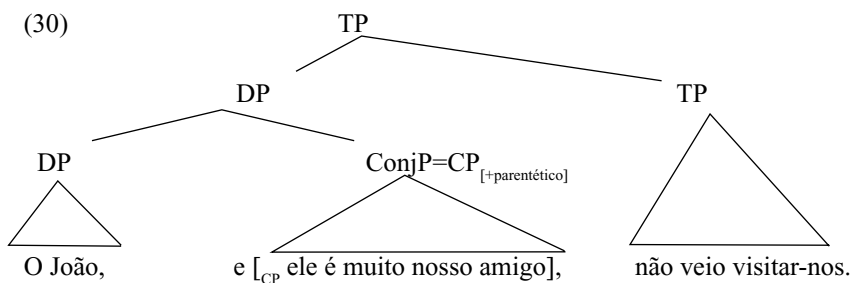
- (29) a. A mãe, que a adora, ofereceu-lhe um colar.
 b. A mãe, que a adora, parece ter-lhe oferecido um colar.
 /*A mãe parece, que a adora, ter-lhe oferecido um colar.
 c. Foi a mãe, que a adora, que lhe ofereceu um colar.
 /*Foi a mãe que, que a adora, lhe ofereceu um colar.

Coloca igualmente o problema de se saber como é que o sistema computacional constrói a estrutura sintáctica da frase hospedeira, uma vez que a parentética interrompe essa estrutura. Como é sabido, a operação de *Merge* constrói sucessivamente fragmentos de estrutura sintáctica, associando entre si dois constituintes estritamente locais.

Por estes factos, a proposta de ausência radical de integração sintáctica da parentética no hospedeiro não nos parece sustentável.

4.2. As orações coordenadas parentéticas apositivas como um caso de adjunção

De entre as propostas para dar conta das orações parentéticas coordenadas, destaca-se a hipótese de adjunção, explorada em Matos (2006; 2009). Esta análise assume, para as parentéticas apositivas, a hipótese da *Coordenação como Adjunção à Direita*, inicialmente proposta por Munn (1992; 1993) para a coordenação em geral. Veja-se (30):



Tendo em conta que a conjunção é um núcleo funcional que herda a natureza categorial dos termos coordenados, Matos (2006; 2009) assume que é o complemento de *Conj* que estabelece a categoria do constituinte coordenado. No caso das orações coordenadas apositivas, o complemento de *Conj* é um CP, uma frase plena com força ilocutória própria, (tipicamente) característica dos constituintes parentéticos. Como se pode observar, na representação (30), a estrutura coordenada reduz-se ao *ConjP*, e

o constituinte ao qual a oração apositiva se adjunge é exterior a essa estrutura de coordenação.

A hipótese de *Adjunção* capta, de acordo com a autora, propriedades centrais da coordenação apositiva, nomeadamente:

1º) A oração coordenada apositiva e o constituinte a que está associada formam uma unidade, como mostra o teste clássico das frases clivadas:

- (31) a. Foi o João, *e ele é muito nosso amigo*, que não veio visitar-nos.
 b. *Foi o João que, *e ele é muito nosso amigo*, não veio visitar-nos.

2º) Na estrutura compósita, o constituinte central é aquele ao qual a coordenada se adjunge: o adjunto é sempre opcional:

- (32) O João não veio visitar-nos.

3º) Quando ocorre no DP sujeito, a concordância verbal não envolve o aposto, como mostra o exemplo (12) simplificado em (33a):

- (33) a. Entretanto, eu – *e os milhares de pessoas que o leram no PÚBLICO* – vou-me contentando com as suas Cartas de Inglaterra.
 b. *Entretanto, eu – *e os milhares de pessoas que o leram no PÚBLICO* – vamo-nos contentando com as suas Cartas de Inglaterra.

4º) A natureza adjunta da oração coordenada, associada ao seu estatuto parentético, determina o bloqueamento de c-comando na oração apositiva, por parte de um constituinte externo. Assim, veja-se o contraste entre a coordenação parentética apositiva em (34a)-(35a) e a coordenação padrão em (34b)-(35b), no que diz respeito a efeitos de Ligação:

- (34) a. *[*Todo o homem*]_i, e duvida d[ele próprio]_i, tem momentos de desânimo.
 b. [*Todo o homem*]_i tem momentos de desânimo e duvida d[ele próprio]_i.²

²Tal como foi notado por um dos revisores, exemplos como o seguinte parecem pôr em questão que, nestas orações, exista bloqueio de c-comando:

Todos os homens – e as mulheres que confiam neles bem o sabem – têm por vezes ataques de pânico.

No entanto, note-se que esta frase não apresenta uma expressão quantificada totalmente desprovida de conteúdo referencial, como é o caso de *todo o homem*. Este efeito de bloqueamento de c-comando verifica-se igualmente nas orações relativas apositivas, como foi notado por Safir (1986) e Brito (2005).

- (35) a. Nenhum irmão, ou um só amigo fez um esforço para o consolar, o procurou.
 (um só amigo ≠ nenhum amigo)
 b. Nenhum irmão o procurou ou um só amigo fez um esforço para o consolar.
 (um só amigo = nenhum amigo)

Em Matos (2006; 2009), a autonomia da oração coordenada apositiva é encarada como um resultado do Princípio de “Earliness” (Pesetsky, 1989; Chomsky, 2004; 2005). De acordo com o Programa Minimalista, a derivação processa-se de baixo para cima e cada *Fase* (Phase) é transferida o mais cedo possível para os níveis de interface. A parentética coordenada apositiva é uma *Fase-CP*, que pode ser transferida para as componentes Fonológica e Semântica logo depois de a adjunção se ter processado, antes de o DP âncora ser transferido, desde que haja traços semânticos e fonológicos no núcleo de CP que indiciem a independência da frase adjunta relativamente ao constituinte a que se adjunge. O traço [+ parentético] é o elemento indiciador dessa independência.

A transferência antecipada da parentética adjunta apositiva relativamente ao DP que modifica tem por consequência a sua interpretação antes que os efeitos de c-comando desse DP (ou de outro elemento da frase exterior à oração parentética) se verifiquem.

5. A sintaxe das orações coordenadas parentéticas flutuantes

A hipótese de adjunção, que parte da ideia de que as parentéticas são sintacticamente associadas à frase hospedeira através de *Pair Merge*, foi, anteriormente, proposta para outros tipos de construções parentéticas (e.g. Costa, 2006; De Vries, 2007; Jackendoff, 1972; Potts, 2002). Neste trabalho, alargamos esta análise às orações coordenadas parentéticas flutuantes.

O facto de, nas parentéticas flutuantes, a oração coordenada poder ocupar diversas posições no interior frase hospedeira coloca-nos duas questões inter-relacionadas:

- (i) A coordenação flutuante deve ser tratada como um caso de adjunção a diferentes projecções na frase, ou, antes, como um caso de movimento a partir de uma posição básica?
- (ii) Existe algum efeito semântico ou pragmático decorrente das diferentes posições que a oração parentética pode ocupar?

5.1. A distribuição das orações coordenadas parentéticas flutuantes

As parentéticas flutuantes têm uma distribuição semelhante à das expressões preposicionais ou adverbiais modificadores das projecções verbais ou de frase. Assim, compare-se (36) com (37):

- (36) a. Esta realidade, *infelizmente*, mostra que a negociação resultou num falhanço.
 b. Esta realidade mostra, *infelizmente*, que a negociação resultou num falhanço.
 c. Esta realidade mostra que, *infelizmente*, a negociação resultou num falhanço.
 d. Esta realidade mostra que a negociação, *infelizmente*, resultou num falhanço.
 e. Esta realidade mostra que a negociação resultou, *infelizmente* num falhanço.
- (37) a. Esta realidade, *e todos sabem que é verdade*, mostra que a negociação resultou num falhanço.
 b. Esta realidade mostra, *e todos sabem que é verdade*, que a negociação resultou num falhanço.
 c. Esta realidade mostra que, *e todos sabem que é verdade*, a negociação resultou num falhanço.
 d. Esta realidade mostra que a negociação, *e todos sabem que é verdade*, resultou num falhanço.
 e. Esta realidade mostra que a negociação resultou, *e todos sabem que é verdade*, num falhanço.

Os dados de (37) mostram que as orações coordenadas parentéticas flutuantes se podem adjungir à esquerda a categorias do domínio verbal e oracional, nomeadamente a TP, AspP, vP (e VP)³. Por outras palavras, estas orações são tipicamente adjunções à esquerda de projecções frásicas lexicais ou funcionais determinadas pelo verbo.

5.2. As orações coordenadas parentéticas flutuantes como uma instância de *Late Adjunction*

Considerar que as diferentes posições ocupadas pela parentética flutuante resultam da ocorrência de movimento implicaria, naturalmente, a determinação de uma posição básica. No entanto, não existe uma motivação para considerarmos que alguma das posições que a parentética pode ocupar corresponde à sua posição básica. Por outro lado, a motivação para esses movimentos também não seria clara, uma vez que, como veremos em seguida, as diferentes posições ocupadas pela parentética não têm efeitos de sentido no nível de interface FL, nomeadamente efeitos de escopo.

³ Costa (2006) chega a uma conclusão semelhante acerca dos advérbios modificadores de frase em Português Europeu, embora considere as projecções Agr, T e VP.

A solução alternativa é considerarmos que as parentéticas são basicamente inseridas, por *Pair Merge*, em diferentes posições estruturais no interior da frase hospedeira.

Quando as orações coordenadas parentéticas não incluem constituintes dependentes, do ponto de vista referencial, de expressões que ocorrem na frase hospedeira, as diferentes posições ocupadas pela parentética não acarretam diferenças ao nível da interpretação. Retomem-se os seguintes exemplos:

- (38) a. Pelo que eu pude ver – *e o Pedro Azeredo é da mesma opinião* – o Maxi deverá ser mais rápido e mais eficaz .
 b. Pelo que pude ver, o Maxi – *e o Pedro Azeredo é da mesma opinião* – deverá ser mais rápido e mais eficaz.
 c. Pelo que pude ver, o Maxi deverá – *e o Pedro Azeredo é da mesma opinião* – ser mais rápido e mais eficaz.
 d. Pelo que pude ver, o Maxi deverá ser – *e o Pedro Azeredo é da mesma opinião* – mais rápido e mais eficaz.
 e. Pelo que pude ver, o Maxi deverá ser mais rápido – *e o Pedro Azeredo é da mesma opinião* – e mais eficaz.

No entanto, a oração coordenada pode conter um constituinte referencialmente dependente de uma expressão que ocorre na frase hospedeira. Neste caso, a posição da parentética poderá, eventualmente, afectar o significado, embora apenas ao nível da interpretação preferencial. A análise dos exemplos que apresentamos em seguida sugere, no entanto, que tal não acontece com as construções em análise. Em (39), o sujeito da oração subordinada incluída na parentética é nulo, sendo interpretado através de uma relação de correferência com uma expressão da frase hospedeira:

- (39) a. Esta realidade (*e quem dera que [-] fosse ficção!*) mostrou ao governo recentemente eleito todos os problemas que tinha de enfrentar.
 b. Esta realidade mostrou (*e quem dera que [-] fosse ficção!*) ao governo recentemente eleito todos os problemas que tinha de enfrentar.
 c. Esta realidade mostrou ao governo recentemente eleito (*e quem dera que [-] fosse ficção!*) todos os problemas que tinha de enfrentar.

Neste caso, a interpretação do sujeito nulo denota ambigualmente o sujeito da frase hospedeira – *esta realidade* – ou o seu conteúdo predicativo, o que se torna evidente quando se observam as possíveis contrapartidas lexicais do sujeito em questão:

- (40) a. Esta realidade (*e quem dera que [ela] / [isso] fosse ficção!*) mostrou ao governo recentemente eleito todos os problemas que tinha de enfrentar.
 b. Esta realidade mostrou (*e quem dera que [ela] / [isso] fosse ficção!*) ao governo recentemente eleito todos os problemas que tinha de enfrentar.

- c. Esta realidade mostrou ao governo recentemente eleito (*e quem dera que [ela] / [isso] fosse ficção!*) todos os problemas que tinha de enfrentar.

A possibilidade de ocorrência dos pronomes *ela* e *isso* em (40) mostra que a oração parentética pode ser interpretada como sendo orientada para o sujeito ou para a predicação (vP), independentemente da sua posição no interior da frase hospedeira. Esta ambiguidade é esperada, assumindo que as orações parentéticas exibem propriedades semelhantes às dos advérbios. Na verdade, certos advérbios possibilitam igualmente leituras orientadas para o sujeito ou para a predicação (e.g. Jackendoff, 1972; Costa, 2004). É o caso, por exemplo, do advérbio *erradamente*:

- (41) a. Ela *erradamente* tinha resolvido todos os exercícios.
b. Ela tinha resolvido *erradamente* todos os exercícios.

No entanto, uma propriedade distingue as orações parentéticas dos advérbios: no caso das parentéticas, a orientação para o sujeito ou para a predicação não parece ser tão dependente da posição em que se verifica a adjunção, o que mostra a autonomia do CP parentético relativamente à frase hospedeira.

Em suma, no que diz respeito às parentéticas flutuantes, as diferentes posições ocupadas parecem não estar associadas a efeitos semânticos específicos. Este facto é compatível com a hipótese de *Late Adjunction* que seguidamente apresentamos.

A hipótese de *Late Adjunction* permite explicar o bloqueio de c-comando que se verifica nas orações (coordenadas) parentéticas flutuantes, e que é indício da autonomia sintáctica:

- (42) a. A Maria_i arranhou emprego em Lisboa e (ela_i) vive no Porto.
b. *Ela_i arranhou emprego em Lisboa e a Maria_i vive no Porto.
(43) a. Ela_i, e a Maria_i vive no Porto, arranhou emprego em Lisboa.
b. Ela_i arranhou, e a Maria_i vive no Porto, emprego em Lisboa.

No entanto, esta hipótese levanta o seguinte problema: Em que momento se verifica a *Late Adjunction*? Se assumirmos que a *Late Adjunction* se aplica pós-ciclicamente (Stepanov, 2001) na sintaxe antes da transferência para os níveis de *interface* (Chomsky, 2004; 2008), o c-comando não será bloqueado. No entanto, se aceitarmos que a *Late Adjunction* é uma operação contra-cíclica que tem lugar após a transferência para a interface fonológica (Ochi, 1999; Takahashi and Huslsey, 2009, entre outros), poderemos dar conta da sua autonomia e da ausência de efeitos de c-comando: a oração parentética e a frase hospedeira são derivadas de forma independente na sintaxe e transferidas autonomamente para a *interface* semântica, onde são conectadas semântica e pragmaticamente.

Note-se, no entanto, que uma abordagem destas construções em termos do “Earliness Principle”, como proposto em Matos (2006; 2009) para as parentéticas apositivas,

capta sensivelmente os mesmos efeitos. A escolha entre as duas propostas é, pois, uma questão empírica: apenas uma análise sistemática de cada uma destas hipóteses para todos os casos de adjunção permitirá verificar qual delas é a mais adequada. Deixamos este desenvolvimento para trabalho futuro.

6. Conclusões

As conclusões a que chegamos neste trabalho podem ser sintetizadas da seguinte forma:

- (i) As orações coordenadas parentéticas não têm um comportamento homogêneo.
- (ii) O comportamento sintáctico das orações coordenadas parentéticas permite distinguir dois tipos de construções: as fixas (que ocupam uma única posição no interior da frase hospedeira) e as flutuantes (que podem ocupar diversas posições relativamente à frase hospedeira).
 - (ii.i) As orações coordenadas parentéticas fixas são adjuntas ao constituinte ao qual estão associadas semanticamente, ocorrendo obrigatoriamente em adjacência a esse constituinte.
 - (ii.ii) As orações coordenadas parentéticas flutuantes são também constituintes adjuntos. Podem ocupar, relativamente à frase hospedeira, as mesmas posições em que tipicamente podem ocorrer elementos adverbiais, nas quais são inseridas por *Pair Merge*.
 - (iii) A hipótese de *Late Adjunction* (ou, alternativamente, o *Earliness Principle*) permite explicar a independência sintáctica das orações coordenadas parentéticas flutuantes, explicando, ao mesmo tempo, a inexistência de efeitos semânticos decorrentes das diferentes posições que por elas podem ser ocupadas no interior da frase hospedeira

Referências

- Blakemore, D. (2005) *And- Parentheticals*. *Journal of Pragmatics* 37 (8), pp. 1165-1181.
- Brito, A. (1991) *A Sintaxe das Orações Relativas em Português*. Porto: INIC.
- Brito, A. (2005) As relativas não restritivas como um caso de aposição. *Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, APL, Lisboa, pp. 401-419.
- Cinque, G. (1999) *Adverbs and functional heads: A cross-linguistic perspective*. Oxford: Oxford University Press
- Colaço, M. & G. Matos (2008) Coordenação com orações parentéticas em Português. Comunicação apresentada no *I Workshop do SILC*. Novembro, Lisboa.
- Colaço, M. & G. Matos (2009) Estruturas coordenadas sem especificador em Português Europeu: defectividade vs “elipse” do primeiro termo coordenado. Comunicação apresentada no *VI Congresso Internacional da Abralin*. Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, João Pessoa, Brasil.

- Costa, J. (2004) A multifactorial approach to adverb placement: assumptions, facts and problems. *Lingua* 114: pp. 711-753.
- De Vries, M. (2007) Parentheses as B-merged adverbial phrases. In N. Déhé, & Y. Kavalova. (eds.) *Parentheticals*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 203-234.
- Haegemén, L. (1988) Parenthetical adverbials: the radical orphanage approach. In S. Chiba (ed.) *Aspects of Modern Linguistics*. Tokyo: Kaitakushi, pp. 232-254.
- Huddleston, R., J. Payne & P. Peterson (2002) Coordination and Supplementation. In R. Huddleston & G. Pullum (eds.). *The Cambridge Grammar of the English Language*, cap. 15. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jackendoff, R. (1972) *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Larson, R. (1988) On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, 19: p. 335-392.
- Larson, R. (1990) Double objects revisited: reply to Jackendoff. *Linguistic Inquiry*, 21: pp. 589-632.
- Matos, G. (2009) Appositive Sentences and the Structure(s) of Coordination. In D. Torck, & L. Wetzels (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2006*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 159-174.
- Potts, C. (2002) The Syntax and Semantic of As-Parentheticals. *Natural Language & Linguistic Theory* 20. pp. 623-689.